Resultados
18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid

Outubro 2026

EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

Overview da Campanha 2026

EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

- ✓ 26 Clippings
- ✓ R$ 476.048,20 em ad equivalence
- ✓ 3 entrevistas prévias
- ✓ 6 jornalistas presentes ao evento
- ✓ 5 press releases
- ✓ 101 jornalistas contatados pessoalmente

Veículos que divulgaram o evento

EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

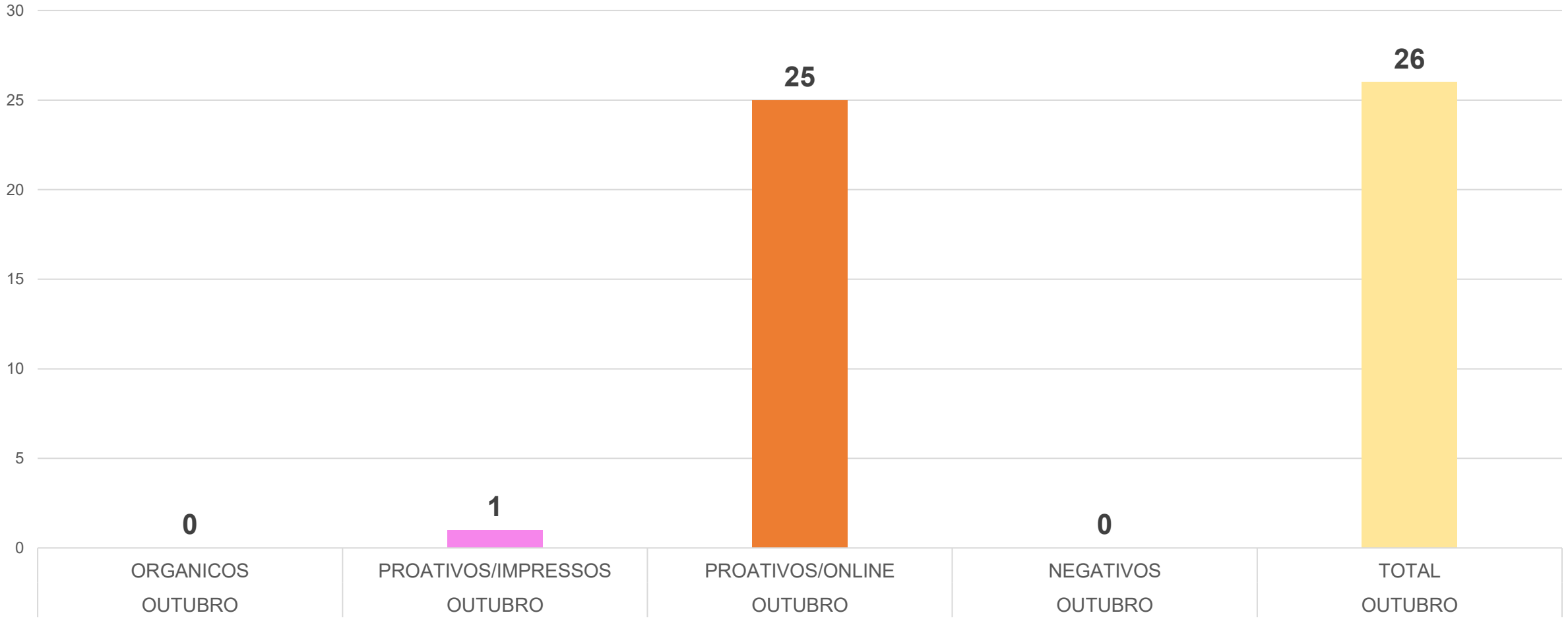
potência Portal	broadcast	CanalEnergia by informa — 4 matérias
		MEGAWHAT — 4 matérias
FotoVolt	argus	BRASIL ENERGIA — 3 matérias
REVISTA Mundo elétrico CONEXÃO COM O FUTURO ENERGÉTICO	bnamericas	Energia Limpa — 3 matérias
CENÁRIO ENERGIA	Elétrica é tudo!	EM ELETRICIDADE MODERNA

Clippings Proativos - 2026

Outubro

Total de Ad Equivalence

R$476.048,20



https://app.cse360.com.br/clipping/result/bde24ed5-aa86-415a-36ec-08df13745b2e

Conteúdos distribuídos para jornalistas

Press releases e Avisos de Pauta

EVOCAR COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

- ✓ Lideranças debaterão desafios do setor elétrico no 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid – 17/09
- ✓ Distribuidoras debaterão as prioridades de seus planos de inovação no 18º. Fórum Latino-Americano de Smart Grid – 22/09
- ✓ Fórum discutirá investimentos de R$ 260 bilhões para expandir e melhorar a qualidade das redes elétricas do País – 24/09
- ✓ Aviso de pauta – Confira a programação do 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid – 28/09
- ✓ Aviso de pauta – O 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid começa amanhã e vai até quarta-feira – 05/10
- ✓ "O consumidor passivo de energia não existe" – 06/10
- ✓ "Desafios da distribuição até 2030 vão do combate às fraudes à necessidade de digitalização e investimentos – 08/10"

Ações realizadas

Conteúdo e follow up

- ✓ 5 press releases
- ✓ 3 entrevistas prévias ao evento:
  - 1) Alexandre Canazio/ Energy Mix;
  - 2) Celso Chagas/Brasil Energia
  - 3) Antonio Carlos Sil/ Canal Solar
- ✓ 101 jornalistas contatados diretamente (por email e por whatsapp) – lista em excel em anexo
- ✓ Cadastro de jornalistas

Jornalistas presentes no evento

1. Canal Energia - Michele Rios
2. Megawhat - Poliana Souto
3. Energia Limpa - Paulo Pires (não é jornalista, mas redigiu 3 matérias)
4. Eletricidade Moderna e Fotovolt - Jucele Menezes dos Reis
5. Mariana Funchal – Argus Media (portal internacional de investimento)
6. Logoon - Fernanda Granato

Clippings proativos

455,2 mil
visitas mensais

https://www.argusmedia.com/en/news-and-insights/latest-market-news/2887361-brazil-pushes-time-based-tariffs-to-cut-power-gap

Brazil pushes time-based tariffs to cut power gap

Brazil's power agency Aneel is seeking to reduce the gap between daytime solar power supply and peak evening demand through more use of time-based pricing mechanisms.

Growing solar generation creates a challenge for Brazil's grid as it seeks to better match supply and deman advisor to Aneel's general director Flavia Lis Pederneiras said at the Smart Grid conference in Sao Paulo on Tuesday.

Solar power generation during the day and higher electricity demand at night boosts system prices and require systems with more flexibility to make the national power system more stable, she said.

Aneel wants to increase time-based electricity tariffs, which allows low-voltage consumers including residential, rural, industrial and public service consumers to pay different prices depending on the time of day they use electricity. It gives consumers clearer price signals and encourages them to shift consumption to periods of higher solar power generation, it said.

Electric vehicles (EVs) could stress the grid if most charging happens during evening peak hours, but they could also become a part of the solution if charging happens during higher solar power generation hours, from 10am-4pm, Perderneiras said.

Brazilian consumers bought 62,365 EVs in August, breaking the previous all-time monthly EV sales record for a sixth consecutive month. EV sales slightly more than doubled from the same period last year and were up by 1pc from July.

Time-based electricity tariffs can help narrow the gap between solar power supply and demand, but they are not the sole solution. Aneel is looking at several measures to improve Brazil's power system flexibility, including curtailmentand the latest power capacity reserve auction, Perderneiras added.

Brazil expanded its power generation by 1.97GW in August, with solar accounting for nearly half of the new capacity additions, according to Aneel.

Clippings proativos

bnamericas

250 mil
visitas mensais

https://www.bnamericas.com/en

Energy, Oil & Gas and Petrochemical Events for Q4

Latin America's energy, oil and gas, and petrochemical industries are set to close 2026 with a lineup of more than 30 events between October and December. Santiago leads the calendar with five gatherings, followed by São Paulo, Buenos Aires and Mexico City.

Clippings proativos

MEGAWHAT

114 mil
visitas mensais

https://megawhat.uol.com.br/planejamento/mudancas-climaticas-entram-no-planejamento-do-setor-eletrico-com-nova-ferramenta/

Mudanças climáticas entram no planejamento do setor elétrico com nova ferramenta

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) está desenvolvendo uma ferramenta para avaliar os impactos das mudanças climáticas sobre a resiliência do setor elétrico brasileiro, em um cenário de aumento da demanda por energia e de transformação da matriz. A iniciativa busca incorporar ao planejamento os efeitos de eventos, como temperaturas mais elevadas e fenômenos como o El Niño, que podem afetar tanto o consumo de eletricidade quanto a geração.

Segundo Thiago Ivanosky, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da estatal de planejamento, a ferramenta está sendo estruturada para avançar de uma abordagem qualitativa para uma perspectiva também quantitativa. A proposta é considerar os efeitos das mudanças climáticas nas diferentes etapas do planejamento do setor elétrico.

Como exemplo, ele citou a ocorrência de um El Niño forte. Com temperaturas mais elevadas, a tendência é de aumento da demanda por energia elétrica. Neste caso, ao mesmo tempo que uma maior participação de geração termelétrica pode ser necessária, o aumento da temperatura pode reduzir a eficiência dessas usinas.

"Está tudo um pouco interligado e a gente precisa ter esses elementos do ponto de vista do planejamento", afirmou durante painel na 18ª edição do Smart Grid Fórum, evento realizado em São Paulo nesta terça-feira, 6 de outubro.

A avaliação dos impactos climáticos ocorre em um momento de mudanças no sistema elétrico brasileiro. De acordo com Ivanosky, a matriz continuará avançando em fontes renováveis, principalmente solar e eólica, enquanto o crescimento da eletrificação e da geração distribuída ampliam os desafios para a operação do sistema.

Com este cenário, o planejamento já aponta para uma necessidade significativa de complementação da geração renovável, incluindo a expansão de termelétricas e o desenvolvimento de novas tecnologias. Entre essas soluções estão a resposta da demanda e o armazenamento de energia elétrica.

A EPE também acompanha o desenvolvimento de outras soluções, como redes inteligentes, e abriu recentemente uma chamada de projetos para receber contribuições da sociedade sobre tecnologias que estão sendo desenvolvidas no país.

A necessidade de preparar o sistema para mudanças climáticas ocorre paralelamente a uma forte expansão projetada para o consumo de energia elétrica.

Segundo Ivanoski, o Plano Nacional de Energia (PNE) 2055, recentemente aprovado, aponta que, em um cenário mais agressivo de descarbonização, chamado de cenário de net zero, o consumo de eletricidade no Brasil pode chegar a 4,2 vezes o nível atual em 2055. A projeção considera um cenário de balanço líquido zero de emissões em 2050.

O aumento está associado, segundo a EPE, ao crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), ao desenvolvimento social e econômico, à maior eletrificação da indústria e à transformação de setores como o transporte.

A eletrificação dos veículos já começa a aparecer nos dados do setor, sendo que o Balanço Energético Nacional (BEN) passou a apresentar neste ano, pela primeira vez, uma estimativa do consumo de energia associado aos carros elétricos no Brasil.

Para acompanhar esse crescimento da demanda, o sistema elétrico deverá ampliar a oferta de energia, mas também precisará de recursos capazes de lidar com a variabilidade das fontes renováveis e de sinais econômicos adequados para induzir decisões de consumo e reduzir problemas para a operação.

Com a forte geração solar durante parte do dia, os preços tendem a ser mais baixos em determinados horários, enquanto podem subir no início da noite, quando ocorre a necessidade de uma nova rampa de geração. A ideia é que esses sinais econômicos possam estimular consumidores a deslocar parte do consumo para horários mais adequados às condições do sistema.

O avanço da geração distribuída também acrescenta complexidade à operação do Sistema Interligado Nacional (SIN).

Durante sua apresentação, Sumara Ticom, assessora da diretoria de Planejamento do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), afirmou que atualmente entram cerca de 10 GW por ano de geração distribuída no SIN. Como parte dessa geração não é controlada ou gerenciada diretamente pelo operador, o crescimento aumenta a complexidade da operação.

Um dos principais efeitos ocorre na curva de carga líquida, especialmente durante os períodos de forte geração solar. A redução da carga observada pelo operador durante o dia é seguida por uma forte rampa de subida no início da noite.

De acordo com ela, essa rampa já representa um desafio relevante e tende a aumentar nos próximos anos. Por isso, o ONS avalia que será necessário desenvolver mecanismos para aumentar o controle e o gerenciamento da geração distribuída, além de ampliar a disponibilidade de cargas flexíveis.

As transformações previstas para o sistema também exigirão investimentos elevados. A estimativa apresentada aponta para aproximadamente R$ 2 trilhões em investimentos e expansão da matriz elétrica até 2055, embora o próprio representante da EPE, Thiago Ivanosky, tenha ressaltado que o valor pode variar de acordo com os cenários considerados.

Nesse contexto, a EPE avalia que o futuro do setor elétrico dependerá não apenas da expansão da geração, mas também da capacidade de incorporar armazenamento, resposta da demanda, eficiência energética, redes inteligentes e recursos energéticos distribuídos.

Para Ivanosky, a combinação entre mudanças climáticas, aumento do consumo, eletrificação e maior participação de fontes renováveis coloca a flexibilidade como um dos principais desafios para o planejamento e a operação do sistema elétrico brasileiro nas próximas décadas.

Clippings proativos

MEGAWHAT

114 mil
visitas mensais

https://megawhat.uol.com.br/regulacao/abertura-do-mercado-livre-exige-solucao-para-contratos-e-encargos-diz-ccee/

CCEE

Abertura do mercado livre demanda solução para contratos e encargos, diz CCEE

Gerusa Cortes, diretora de Operações do Mercado da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)

A sustentabilidade do mercado regulado deve ser um dos pilares para uma abertura consistente do mercado de energia elétrica para todos os consumidores, segundo Gerusa Cortes, diretora de Operações do Mercado da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE).

Entre os pilares apontados por Gerusa está justamente a sustentabilidade do mercado regulado. Segundo ela, as diretrizes estabelecidas para a abertura do mercado precisam avançar em regulamentações que tratem, entre outros pontos, dos contratos legados e dos encargos setoriais.

Para a executiva, a expansão do mercado livre precisa ser acompanhada por mudanças regulatórias, simplificação de processos, segurança de suprimento e mecanismos que permitam ao consumidor entender os riscos e benefícios da migração.

A CCEE espera a publicação, nos próximos meses, de uma consulta pública com as regras para a abertura do mercado livre de energia aos consumidores do grupo B, sendo que há uma expectativa de que, até o fim do ano, seja concluída a consulta pública 7/2025, que recebeu contribuições para o aprimoramento regulatório dos serviços de distribuição de energia em decorrência da abertura do Ambiente de Contratação Livre (ACL) para todos os consumidores do grupo A.

Segundo a diretora, a consulta já traz regras importantes para o processo. Na sequência, a CCEE espera a publicação de uma nova consulta pública voltada às regras para o grupo B, o que permitirá avançar na preparação para a abertura desse segmento.

Para Gerusa, a preocupação da CCEE não está no número de consumidores que efetivamente migrarão para o mercado livre, mas na consistência desse processo. A executiva defendeu que a abertura seja sustentada por um arcabouço regulatório sólido, ainda que a migração inicialmente ocorra em ritmo mais lento. Nesse processo, o consumidor deve ter clareza sobre a escolha que está fazendo, incluindo os benefícios, riscos e responsabilidades associados à migração.

"É um cronograma justo, é um cronograma apertado, mas a gente está empenhado em fazer isso. [...] A nossa preocupação não está em quantos irão virar, mas sim na consistência da migração", afirmou em painel na 18ª edição do Smart Grid Fórum, evento realizado nesta terça-feira, 6 de outubro, em São Paulo.

Outro aspecto destacado foi a segurança de suprimento ao consumidor. Para a executiva, a abertura do mercado precisa ser acompanhada de mecanismos que garantam segurança também sob a ótica do atendimento, além dos instrumentos voltados à operação física do sistema.

A simplificação da operação também foi apontada como necessária. Na avaliação de Gerusa, não é adequado aplicar ao mercado varejista as mesmas regras e tratamentos utilizados no mercado atacadista.

"É um erro você pensar no mercado de varejo olhando o que a gente sempre fez com o mercado de atacado", afirmou. Para ela, o segmento precisa de regras mais simples e menos processadas, que permitam ao consumidor identificar seus direitos.

Desenvolvimento de ferramentas

Atualmente, a CCEE opera com quase 17 mil agentes, que movimentam perto de 100 mil ativos, já contabiliza cerca de 50 mil consumidores no varejo e 139 comercializadores varejistas habilitados, além de outros 11 em processo de habilitação. Segundo Gerusa, o mercado livre já se aproxima da metade do consumo de energia elétrica do país e a expectativa é que, com a abertura de mercado, o segmento possa chegar a 50% das operações e transações de energia elétrica.

A expansão, no entanto, traz desafios para a operação da CCEE, principalmente diante da escala esperada com a abertura do mercado para consumidores do grupo B. Diante desse cenário e mesmo antes da finalização das regras, a CCEE iniciou os trabalhos relacionados à adaptação dos sistemas e à simplificação de procedimentos operacionais, trabalhando na operacionalização de uma plataforma de comparação de preços de produtos.

Segundo a diretora da câmara, embora a regra ainda não esteja aprovada, o desenho e a parte operacional da plataforma já estão em andamento. A ferramenta deverá permitir que o consumidor tenha acesso a informações mais padronizadas e possa analisar os produtos oferecidos pelos comercializadores.

"A plataforma de comparação vai permitir que o consumidor tenha acesso a uma informação mais padronizada e aí ele poderá analisar os produtos que estão sendo colocados pelos comercializadores", explicou.

A CCEE também já começou a estruturar campanhas de comunicação e discute com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) a criação de um portal do consumidor.

Outra frente de preparação será a realização, nos próximos meses, de salas técnicas e workshops em parceria com a Aneel. A iniciativa busca antecipar discussões com os diferentes agentes envolvidos no processo, incluindo consumidores, distribuidoras, geradores e comercializadores.

Segundo Gerusa, a intenção é avançar na estrutura sistêmica e regulatória para que, a partir de novembro do próximo ano, essa etapa esteja estruturada. A data mencionada pela executiva faz referência à abertura do mercado livre para consumidores comerciais e industriais atendidos em baixa tensão, pertencentes ao grupo B.

"É uma agenda grande, mas é uma agenda que a gente está empenhado em desenvolver", afirmou

Gerusa também destacou o papel da tecnologia na preparação da CCEE para o crescimento do mercado. A câmara vem trabalhando na integração de sistemas e na aplicação de inteligência artificial, além de projetos relacionados à formação de preços.

Segundo a executiva, a digitalização será fundamental não apenas para a operação, mas também para os dados e para melhorar a experiência do consumidor que poderá migrar para o mercado livre a partir do próximo ano.

Open Energy pode ampliar acesso aos dados

A redução da assimetria de informações também está entre os desafios para a abertura. Nesse sentido, Gerusa destacou o desenvolvimento do Open Energy, iniciativa inspirada no modelo do Open Finance e que vem sendo trabalhada pela CCEE em conjunto com a Aneel.

Segundo a executiva, a CCEE já disponibiliza ao consumidor acesso aos próprios dados em seu site. O Open Energy deverá avançar no compartilhamento desses dados, permitindo que o consumidor exerça o direito de compartilhá-los.

A segurança de mercado também foi citada como uma frente necessária para a abertura. Gerusa afirmou que a CCEE já trabalha com um plano de ação que inclui o monitoramento prudencial e aguarda a aprovação das regras definitivas.

Clippings proativos

MEGAWHAT

114 mil
visitas mensais

Medição inteligente

Aneel deve pautar medição inteligente em outubro

https://megawhat.uol.com.br/regulacao/aneel-deve-pautar-medicao-inteligente-em-outubro/

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) deve pautar ainda em outubro a regulamentação sobre medição inteligente. Segundo Carlos Mattar, superintendente de Regulação da Transmissão e Distribuição da autarquia, a área técnica está finalizando a análise segunda fase da consulta pública 1/2026, cujo prazo de contribuições terminou em agosto. O resultado será encaminhado à diretora Agnes da Costa, relatora do tema, que poderá pautar a deliberação ainda neste mês.

A medida faz parte de uma transformação na relação entre consumidores e o sistema de distribuição de energia, impulsionada pela entrada de novos recursos, tecnologias e formas de uso da eletricidade. De acordo com Mattar, o setor passa a lidar com um sistema "multidimensional", com milhões de pontos conectados à rede de distribuição e unidades de armazenamento.

Nesse cenário, Mattar destacou quatro mudanças importantes no setor: o novo consumidor, o novo contrato, a nova medição e uma nova forma de operação do sistema. O consumidor poderá escolher o que gerar, de quem comprar energia, armazenar eletricidade e definir como utilizá-la, o que exigirá novas formas de tarifação e precificação. A medição deverá abranger tanto o consumo quanto os recursos energéticos distribuídos, enquanto as distribuidoras terão uma atuação mais ativa na operação das redes, com foco na otimização do sistema.

Durante participação na 18ª edição do Smart Grid Fórum, realizada em São Paulo nesta terça-feira, 6 de outubro, Mattar destacou ainda que os indicadores de duração e frequência das interrupções são aspectos percebidos diretamente pelos consumidores. Ele afirmou que a agência já elaborou duas resoluções sobre resiliência do setor de distribuição e que uma terceira etapa ainda está prevista.

Outro avanço citado foi a criação de um novo indicador relacionado aos prazos para obras e ligações, com consequências concretas para o atendimento ao mercado. A operação dos recursos energéticos distribuídos também deverá ganhar caráter mais interativo, com a figura do DSO.

Medição inteligente e recursos distribuídos

Além da regulamentação sobre medição inteligente, também está em discussão uma resolução sobre os critérios de observabilidade, operabilidade e controlabilidade dos recursos energéticos distribuídos. A proposta foi desenvolvida em parceria com o ONS e recebe contribuições até 9 de novembro por meio da consulta pública 33/2026. Segundo Mattar, a expectativa, porém, é que a resolução não seja concluída ainda neste ano.

Além disso, Mattar falou sobre o projeto Sentinela, que deverá ser implantado até o fim deste ano, dentro das comemorações dos 30 anos da Aneel. O sistema fará o monitoramento dos indicadores DEC e FEC sem interferência humana, diretamente a partir dos medidores e dos consumidores. Os dados serão enviados por uma API e publicados no site da Aneel, com acesso disponível aos consumidores de todo o país.

Fase defende agenda de desenvolvimento para o setor

A transformação do setor também está no centro da agenda construída pelo Fórum das Associações do Setor Elétrico (Fase) para os próximos quatro anos. Segundo Mario Menel, presidente da entidade, o fórum buscou estruturar uma pauta voltada ao desenvolvimento e ao progresso do setor, a partir de entrevistas com representantes das 37 associações que integram a entidade.

Um dos princípios que norteiam a agenda é que quem causa um custo deve pagar por ele, enquanto quem produz um benefício para o setor deve ser remunerado por isso. Para ele, a aplicação desse conceito poderia evitar parte dos problemas enfrentados atualmente pelo setor elétrico brasileiro.

A agenda também foi apresentada a representantes das campanhas que disputaram presidência. Menel afirmou ter discutido pessoalmente as propostas com quatro responsáveis pelas áreas de energia dos candidatos, incluindo representantes das duas campanhas que chegaram ao segundo turno.

Energia sobrando e limitações na transmissão

Entre os problemas estruturais apontados por ele está a dificuldade de fazer a energia disponível chegar aos consumidores que precisam dela para produzir.

"O que nós temos hoje no Brasil é uma coisa interessante, porque nós temos energia estruturalmente sobrando, e essa energia nós não conseguimos fazer chegar em quem produz", destacou.

Para ele, a situação representa um contrassenso e está relacionada a deficiências estruturais na forma como o sistema elétrico brasileiro foi desenvolvido. Menel citou as limitações da transmissão como parte desse problema.

O executivo também relacionou a questão à forma como o planejamento do setor é elaborado e executado. Segundo ele, atualmente o planejamento é técnico, mas sua execução incorpora decisões políticas. Na avaliação de Menel, essa dinâmica provoca distorções no planejamento de longo prazo, já que questões políticas precisam ser incorporadas a projeções que consideram horizontes de décadas.

Clippings proativos

MEGAWHAT

114 mil
visitas mensais

https://megawhat.uol.com.br/geracao/ons-vai-mapear-quanto-de-geracao-distribuida-a-rede-basica-suporta/

ONS vai mapear quanto de geração distribuída a rede básica suporta

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) está desenvolvendo um novo mapa de conexão para avaliar quanto a rede básica consegue suportar de escoamento da geração conectada à rede de distribuição. A iniciativa faz parte de uma série de medidas que o operador vem estruturando diante do avanço da geração distribuída e da necessidade de ampliar o controle e a flexibilidade do sistema elétrico.

Segundo Sumara Ticom, assessora da diretoria de Planejamento do ONS, o operador já utiliza mapas de conexão e de escoamento de geração para dar visibilidade à capacidade da rede básica de receber novos empreendimentos. Agora, a proposta é avançar para uma ferramenta que permita avaliar a capacidade da rede básica de absorver a geração proveniente da rede de distribuição.

"Então, a gente está evoluindo nesse sentido, estamos fazendo uma contribuição com a Aneel nesse sentido", afirmou durante painel na 18ª edição do Smart Grid Fórum, realizado em São Paulo nesta terça-feira, 6 de outubro.

Outro trabalho em desenvolvimento é a criação de um sandbox regulatório para testar a interface entre o ONS e as distribuidoras. No início de setembro, o operador propôs um sandbox regulatório com cinco distribuidoras para testar o modelo de gestão descentralizada da rede, por meio do chamado Distribution System Operator (DSO, na sigla em inglês) e a implementação da gestão e do despacho de recursos energéticos distribuídos (RED), pelo ONS, em tempo real, para atendimento às necessidades sistêmicas.

Durante o sandbox, a distribuidora exercerá essa função, permitindo testar mecanismos e avaliar quais mudanças serão necessárias no modelo. Sobre isso, a executiva ressaltou que o ONS não pretende assumir a operação das redes de distribuição.

"O ONS não tem intenção de chegar na rede de distribuição como operador, ele tem intenção de ter interface com a distribuidora para que isso possa acontecer", explicou.

Além do sandbox, também avançam em paralelo a revisão das modalidades de operação das usinas e o Plano Emergencial de Corte de Geração na Distribuição. O operador também está desenvolvendo uma segunda camada de segurança, baseada no Esquema Regional de Alívio de Carga (ERAC), para permitir uma atuação automática sobre a geração conectada à rede de distribuição.

Chamado de Esquema Regional de Alívio de Geração (ERAG), o mecanismo funcionará como uma nova camada de proteção contra perturbações, sendo que o ONS pretende implementar até o fim deste ano o projeto-piloto de um mecanismo capaz de cortar automaticamente até 3 GW de geração de usinas solares remotas em situações de excesso de oferta no sistema elétrico.

As baterias também fazem parte do conjunto de recursos que o ONS pretende incorporar à discussão sobre flexibilidade do sistema.

Segundo Ticom, o principal desafio é fazer com que os recursos distribuídos que já estão disponíveis no sistema possam ser efetivamente utilizados para aumentar a flexibilidade da operação.

"O desafio aí é transformar esses recursos distribuídos em flexibilidade possível. A flexibilidade já existe, eles estão lá e eles podem produzir. A gente só precisa conseguir controlar isso que está lá", afirmou.

A evolução desse modelo dependerá também da digitalização das redes, da interoperabilidade e da telemetria, consideradas fundamentais para permitir uma interface mais eficiente entre o ONS e as distribuidoras.

Nesse processo, o consumidor também ganha importância, diante do aumento da participação de recursos distribuídos e da possibilidade de maior atuação sobre o próprio consumo.

Clippings proativos

broadcast

77 mil
visitas mensais

https://www.broadcast.com.br/ultimas-noticias/fique-ligado-apos-relatora-recomendar-caducidade-da-enel-sp-diretor-gentil-pede-vistas/

Agenda

-**ANP/Leilão** – A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis realiza dois leilões da Oferta Permanente da ANP. Pela manhã, serão ofertados 13 blocos do pré-sal, no 4º ciclo da Oferta Permanente de Partilha. À tarde, o 6º ciclo da Oferta Permanente de Concessão oferece 22 setores de blocos exploratórios e dois setores de áreas com acumulações marginais.

-**Webinar/I-Recs** – O Instituto Totum realiza webinar como foco na operacionalização do International Renewable Energy Certificate (I-REC) no País, que discutirá benchmarking de mercado e o alinhamento com as principais referências internacionais. Das 10h às 11h30.

-**CMSE/Reunião** – O Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) realiza reunião ordinária de 14h30 às 17h00, no Ministério de Minas e Energia (MME).

-**Smart Grid** – Segundo dia do Fórum Latino Americano de Smart Grid 2026, com o tema "Smart Grids e mercado aberto: o consumidor no centro". Em São Paulo, a partir das 8h.

Clippings proativos

BRASIL ENERGIA

55,5 mil
visitas mensais

https://brasilenergia.com.br/energia/distribuicao/redes-terao-de-combinar-ativos-fisicos-e-inteligencia

Redes terão de combinar ativos físicos e inteligência

Para Cyro Boccuzzi, expansão exigirá digitalização, automação e novos modelos de remuneração, com consumidor mais ativo na operação da rede

Os investimentos previstos para as redes de distribuição até o fim da década precisam ser acompanhados por digitalização e maior capacidade de operação dos ativos existentes, segundo Cyro Boccuzzi, presidente da ECOee e do Smart Grid Fórum.

Vamos aos números: enquanto a Abradee estima em R$ 260 bilhões os investimentos no segmento até 2030, o Plano de Desenvolvimento da Distribuição (PDD) 2026 da Aneel prevê cerca de R$ 258 bilhões. Mas, para Boccuzzi, a discussão não deve se limitar ao volume de recursos. "Só capex não vai resolver o problema: você tem que investir naquilo que produz o melhor resultado", disse o executivo à Brasil Energia.

Segundo ele, a rede brasileira foi concebida para um sistema em que a energia fluía essencialmente em uma única direção: das grandes usinas para os consumidores. E esse paradigma já perdeu validade, quando o fluxo passa a ser multidirecional e muito mais variável, com GD, baterias, veículos elétricos, cargas controláveis e consumidores capazes de produzir, armazenar e alterar seu consumo.

Com isso, aponta Bocuzzi, os gargalos deixam de estar apenas em cabos, transformadores e subestações, e a expansão precisa incorporar medição inteligente, conectividade, telecomunicações, automação, sistemas inteligentes de gerenciamento da distribuição e dos recursos energéticos, além de ferramentas de previsão e processamento de dados capazes de acompanhar o que acontece nos níveis mais baixos da rede. "Não estamos simplesmente construindo uma rede maior, estamos transformando uma rede passiva em uma plataforma ativa e digital."

Nesse novo modelo, o executivo considera que a observabilidade passa a ser um elemento central da operação. Ou seja, as distribuidoras precisarão ampliar a capacidade de conhecer, com maior granularidade, o que ocorre em cada ponto da rede para coordenar recursos e responder às variações de geração, consumo e armazenamento. "Não é possível a gente operar uma rede complexa se ela não sabe com granularidade suficiente o que está acontecendo em cada ponto dela", diz.

A necessidade de maior granularidade também aparece com o avanço da GD: a EPE projeta a entrada de 19 GW de micro e minigeração distribuída até o fim de 2029, levando o parque a cerca de 65 GW. Para Boccuzzi, os problemas de capacidade tendem a ser mais locais do que regionais, exigindo análises por subestação e por circuito.

"A discussão regulatória precisa migrar do famoso direito de conexão para uma lógica de conexão coordenada e inteligente", acredita o executivo, para quem a expansão da geração, das baterias e de novas cargas exige maior capacidade de coordenar os recursos conectados à rede.

Os veículos elétricos acrescentam outra variável, com a EPE projetando que o consumo associado à frota elétrica passe de 627 GWh para 7,8 TWh. Bocuzzi pontua que o impacto sobre as redes dependerá menos apenas do volume de energia consumida e mais de onde e quando ocorrerá o carregamento, e indica a possibilidade de deslocar parte dessa demanda para horários de menor utilização da rede ou de maior disponibilidade de energia. "Se o veículo tiver que ser reabastecido no pico, que ele seja feito por uma bateria e não estresse a rede", afirma.

Essa lógica depende também da evolução das tarifas. O executivo considera que o sinal de preço pode ser utilizado como instrumento de operação da rede, mas que o modelo atual, baseado essencialmente no consumo acumulado, não traduz as condições instantâneas do sistema. A tarifa, prossegue, não informa sobre congestionamentos da rede nem sobre os horários em que o consumo ocorre em períodos de maior necessidade de investimentos ou de maior disponibilidade de energia.

"A Aneel criou a tarifa branca dentro dessa lógica, com preços diferenciados entre ponta, intermediário e fora de ponta, e reconhece que o deslocamento do consumo pode melhorar a utilização da rede e reduzir ou postergar investimentos", diz Boccuzzi. Porém, esse é apenas um primeiro estágio das tarifas horárias. O avanço dependerá de medição inteligente em escala, maior automação e tarifas mais aderentes às condições reais de cada concessão.

O consumidor, segundo o executivo, não pode ser obrigado a acompanhar os preços para decidir quando ligar um carregador ou acionar uma bateria. Os equipamentos precisam ter inteligência para responder automaticamente aos sinais de preço, o que exigirá também mecanismos capazes de refletir a capacidade da rede e sua situação operacional. "Não podemos pretender gerenciar a rede de 2030 com sinais tarifários concebidos por uma rede de muitas décadas para trás."

A abertura do mercado de baixa tensão - prevista para começar com consumidores comerciais e industriais até novembro de 2027 e alcançar os demais consumidores até novembro de 2028 - também dependerá de uma infraestrutura digital capaz de sustentar a mudança.

Além da regulamentação da comercialização, será necessário estruturar medição, troca segura de dados, processos digitais para mudança de fornecedor, faturamento, liquidação, interoperabilidade e cibersegurança. "Sem mais infraestrutura digital, corremos o risco de ter uma abertura jurídica, mas não operacional. E isso é o pior dos mundos", prevê Bocuzzi.

Nesse cenário, os medidores inteligentes deixam de ser apenas equipamentos de leitura e passam a integrar um ecossistema de comunicação, gestão de dados, interfaces e sistemas de operação da distribuição. "Hoje o desafio deixou de ser de comprar medidores. Agora ele é o de construir um caso econômico e ter o ecossistema digital que justifique e aproveita plenamente esse investimento", reforça o executivo.

A mesma transformação alcança baterias, veículos elétricos e cargas que podem ser controladas - esses recursos poderão ser utilizados para reduzir picos, armazenar excedentes e responder a sinais de preço ou a comandos de agregadores. A lógica, segundo Boccuzzi, é fazer com que também tenham valor econômico para o consumidor. Baterias e cargas flexíveis poderão, em determinadas situações, ser alternativas à construção de novos circuitos ou subestações, desde que o serviço prestado à rede possa ser medido e remunerado.

Esse movimento modifica a própria relação entre distribuidora e consumidor, já que, em vez de atuar apenas como ponto final da rede, este último poderá produzir energia, armazená-la, alterar seu padrão de consumo e prestar serviços ao sistema. "Ele vai estar no centro da operação", acredita o especialista.

Por fim, para o presidente da ECOee e do Smart Grid Fórum, a mudança não depende de uma tecnologia isolada, mas da combinação entre ativos físicos, digitalização, automação, armazenamento, comunicação e novos mecanismos de mercado. A mesma lógica vale para a resiliência das redes, que deverá combinar automação, sensoriamento, telecomunicações, manutenção preditiva, armazenamento e soluções específicas para cada situação. "Todas essas tecnologias têm que ser combinadas, dependendo de cada situação. Não tem uma bala de prata", conclui.

Clippings proativos

BRASIL ENERGIA

55,5 mil
visitas mensais

https://brasilenergia.com.br/energia/distribuicao/consumidor-ativo-muda-papel-das-distribuidoras

Consumidor ativo muda papel das distribuidoras

Debate no 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid reuniu representantes do setor para discutir mudanças regulatórias e operacionais

A transformação do papel das distribuidoras diante da digitalização das redes, do avanço dos recursos energéticos distribuídos e da abertura do mercado esteve no centro das discussões do 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid, realizado hoje (6) em São Paulo. O evento reuniu representantes da Aneel, MME, CCEE, ONS, EPE, Anatel, Fase e Adelat para discutirem as mudanças regulatórias e operacionais necessárias à transição do setor elétrico.

Para Alberto Calixto Mattar, superintendente de Regulação da Transmissão e Distribuição da Aneel, o modelo de distribuição de energia do século XX não se encaixa mais no setor elétrico atual. Segundo ele, o consumidor passou a assumir um papel de protagonista, enquanto as distribuidoras precisam se adaptar a uma atuação mais ativa na gestão das redes.

Um dos exemplos dessa transformação é a microgeração conectada à rede de distribuição, que já soma 4,3 milhões de clientes. A abertura do grupo B, formado por consumidores de baixa tensão das áreas comercial e industrial, prevista para 2027, é outro capítulo desse processo.

A transformação das distribuidoras também passa pela adoção do modelo de operadoras de sistemas de distribuição (DSO), com uma gestão mais ativa da rede. Mattar afirmou que a Aneel deve iniciar ainda este ano um sandbox com cinco distribuidoras para avaliar a operação nesse novo modelo, com continuidade do aprimoramento em 2027 por meio de tomada de subsídios.

Já na avaliação de Nívia Celestino, especialista técnica e regulatória da Associação de Distribuidoras de Energia Elétrica Latino-Americanas (Adelat), os novos contratos de renovação de concessões ampliaram as exigências relacionadas à qualidade, à resiliência climática e ao combate às perdas não técnicas. Ela também destacou a necessidade de ampliar a digitalização das redes e a infraestrutura de medição avançada (AMI), cuja penetração média na América Latina é de 10%. A tecnologia é considerada importante para o monitoramento dos recursos energéticos distribuídos (RED), incluindo a MMGD.

A preparação para a abertura do grupo B também está entre as prioridades da CCEE. De acordo com Gerusa Côrtes, diretora de Operação de Mercado da entidade, cerca de 50 milhões dos 90 milhões de consumidores enquadrados no grupo seriam elegíveis à migração. Para ela, a prioridade deve ser a consistência do processo, e não o volume.

Diante da escala da transição, a câmara não pretende replicar o modelo burocrático utilizado no mercado atacadista e aposta em ferramentas digitais mais simples e automatizadas. Entre as possibilidades está uma plataforma para que o consumidor compartilhe de forma segura seu histórico de consumo com comercializadores e receba propostas personalizadas.

Aline Martins, diretora substituta do Departamento de Políticas Setoriais da Secretaria Nacional de Energia Elétrica do MME, ressaltou que a mudança também exige a capacitação dos consumidores para gerenciar consumo e autoprodução em tempo real, com base em sinais tarifários.

Na frente regulatória, ela citou a Portaria 111/2025, que estabelece diretrizes para a digitalização das redes em um horizonte de dez anos, e a Portaria 126/2026, que prevê metas de digitalização e a entrega de Análise de Custo-Benefício pelas distribuidoras até fevereiro de 2028.

O avanço dos recursos energéticos distribuídos também altera a relação entre as distribuidoras e o ONS. Sumara Ticom, assessora da Diretoria de Planejamento do operador, destacou no evento que a expansão da micro e minigeração distribuída cria um cenário em que dezenas de gigawatts conectados às redes de baixa e média tensão não são diretamente visíveis ao operador nacional e variam ao longo do dia. Esse crescimento pode provocar fenômenos como inversões de fluxo de potência em transformadores de fronteira entre as redes de distribuição e transmissão.

O ONS, apontou Sumara, não pretende atuar diretamente na operação das redes de distribuição, mas busca estabelecer uma interface estruturada com as distribuidoras, que passam a assumir o papel de DSO. Entre as ações conjuntas está o Plano de Gestão de Excedentes, voltado à realização de cortes temporários e controlados na geração conectada à distribuição em momentos críticos de frequência do sistema.

Thiago Ivanovski, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da EPE, defendeu a adoção de sinais econômicos adequados para orientar as decisões dos consumidores e garantir o equilíbrio térmico e de potência nos horários de rampa. Ele também alertou para o impacto de eventos climáticos extremos no planejamento da expansão das redes.

Na frente de conectividade, Kim Mota, gerente de Espectro, Órbita e Radiodifusão da Anatel, apresentou a atuação da agência para disponibilizar faixas de radiofrequência exclusivas e prioritárias para redes privadas de distribuição de energia elétrica. Entre elas estão as faixas de 410 MHz e 450 MHz, destinadas à automação de redes e à medição inteligente.

Mário Menel, presidente do Fórum das Associações do Setor Elétrico (Fase), apresentou ainda um plano de ação de quatro anos elaborado a partir de pesquisa com 37 associações do setor. O trabalho é baseado no princípio de que quem causa custo deve pagar por ele, enquanto quem produz benefício para o setor deve ser remunerado. Segundo Menel, a proposta poderá ser aplicada como modelo nos cem primeiros dias do novo governo federal, a partir de janeiro de 2027.

No encerramento do painel, Cyro Vicente Boccuzzi, presidente do Fórum Latino-Americano de Smart Grid, destacou a necessidade de construir uma agenda de ações voltada ao desenvolvimento do setor e ressaltou a importância da conectividade e da convergência regulatória e operacional para a transição das distribuidoras. Em entrevista recente á Brasil Energia, ele destacou que os investimentos previstos para as redes de distribuição até o fim da década precisam ser acompanhados por digitalização e maior capacidade de operação dos ativos existentes - saiba mais aqui.

Clippings proativos

FotoVolt

20,5 mil
visitas mensais

https://www.arandanet.com.br/revista/fotovolt/noticia/13662-Smart-grids:-forum-discute-investimentos-de-R$-260-bilhoes-no-Pais

Smart grids: fórum discute investimentos de R$ 260 bilhões no País

Esta é a necessidade de recursos a serem aplicados entre 2026 e 2030 para expansão e aumento da qualidade das redes de distribuição

Com o crescimento previsto da geração distribuída em mais 19 GW até 2030 e a expectativa de avanço de novas tecnologias como os veículos elétricos e sistemas de armazenamento de energia — serão mais 279 GWh em baterias residenciais estimados no País até 2035 —, empresas de distribuição precisarão investir R$ 260 bilhões até 2030. Essas e outras tendências, as oportunidades e os desafios do setor serão temas do *18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid*, em São Paulo, dias 6 e 7 de outubro.

A transformação das redes elétricas é crucial para ampliar sua flexibilidade e resiliência. A EPE - Empresa de Pesquisa Energética preconiza que os gestores das redes de distribuição serão obrigados a sair de uma posição mais passiva para atuar ativamente na gestão dos recursos energéticos distribuídos (REDs). Entre as mudanças previstas está a adoção crescente de novos sistemas de baterias, a serem conectados em seus sistemas.

Esses serão alguns dos temas debatidos no evento, que reunirá representantes da EPE, Aneel - Agência Nacional de Energia Elétrica, Energisa, Cemig e vários outros agentes do setor. Estão na pauta a transformação das redes de distribuição e os seus caminhos, inclusive no sentido de ampliar sua flexibilidade e resiliência a eventos climáticos extremos.

"Este ano, vamos discutir a razão pela qual a complexidade da rede elétrica brasileira será ainda maior do que já é, em função do fato de que muitos recursos energéticos distribuídos estarão conectados em unidades dos consumidores. Isso poderá representar uma alternativa ou um complemento a investimentos tradicionais das distribuidoras", comenta Cyro Boccuzzi, presidente do Fórum. Some-se a essa tendência o fato de que a geração distribuída deverá expandir mais 19 GW até 2030, conforme estima a EPE. Em paralelo, também segundo a EPE, a demanda de eletricidade de veículos elétricos no Brasil passará de 627 GWh em 2025 para 7,8 TWh em 2035.

A transformação do setor passa também pela abertura completa do mercado livre à baixa tensão no ano que vem. Assim, além de garantir a entrega da energia para mais de 200 milhões de consumidores e operar uma rede de 3,9 milhões de quilômetros, as empresas terão de gerir uma rede mais descentralizada, bidirecional e dinâmica, o que demandará maior capacidade de observar e coordenar os recursos instalados pelos próprios consumidores. Tudo isso se traduzirá em vultosos investimentos. Para a Abradee - Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica, o setor deverá demandar R$ 260 bilhões em investimentos entre 2026 e 2030, seja para a sua expansão, seja para aumentar a qualidade de suas redes.

A geração distribuída (GD) é um dos principais vetores dessa transformação, ainda que a EPE projete uma desaceleração do seu ritmo de expansão nos próximos anos. Segundo a empresa, a GD adicionou 9 GW por ano nos últimos quatro anos, superando a expansão da geração centralizada. A projeção é de uma capacidade instalada de 73 GW em 2030, frente aos 54 GW existentes atualmente — ou 19 GW entre 2026 e 2030. A GD solar, porém, é apenas uma parte da transformação no setor de distribuição, adverte Boccuzzi. Sistemas de armazenamento, resposta da demanda, veículos elétricos e cargas flexíveis também devem ganhar mais espaço.

Para Thiago Ivanoski, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da EPE, e um dos convidados do 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid, "mais do que simplesmente acomodar a conexão crescente desses recursos, as distribuidoras precisarão aumentar a capacidade de observação, operação e controle dos Recursos Energéticos Distribuídos (REDs) conectados às suas redes".

Clippings proativos

CanalEnergia by informa

19 mil
visitas mensais

https://www.canalenergia.com.br/noticias/53357539/mme-aposta-em-digitalizacao-para-colocar-consumidor-no-centro-das-decisoes-energeticas

MME aposta em digitalização para colocar consumidor no centro das decisões energéticas

Secretária Nacional de Energia Elétrica defende modernização do setor para empoderar consumidores e permitir gestão inteligente do consumo

O governo quer transformar o consumidor como o protagonista de suas escolhas energéticas, por meio da digitalização das redes e da modernização da distribuição de energia, segundo a diretora substituta do departamento de políticas setoriais na secretaria nacional de energia elétrica (MME), Aline Teixeira. Durante o evento Smartgrid, realizado nesta terça-feira, 06 de outubro, em São Paulo, a secretária compartilhou uma experiência de visita técnica a Illinois, nos Estados Unidos, que materializou o conceito de consumidor no centro defendido pelo MME.

"Um colega me apresentou como ele gerencia as informações de sua casa através de um aplicativo customizado. Se o preço da energia aumentar para determinado valor, o sistema diminui automaticamente a refrigeração. Se o preço diminuir, aumenta a irrigação. Cada um gerencia seu próprio consumo baseado em suas preferências e incentivos econômicos", relatou a secretária.

De acordo com ela, esse modelo representa exatamente o objetivo que o Brasil busca alcançar. Que é ter o consumidor apto a tomar suas próprias decisões de forma consciente e informada. Segundo ela, é aí que o Brasil precisa chegar e ter o consumidor apto a tomar suas decisões baseadas em incentivos econômicos. E tendo esse poder de escolha.

Digitalização

Para viabilizar esse futuro, o MME estabeleceu uma política clara de modernização das redes de distribuição. Desse modo, a Portaria 111 de 2025 definiu um horizonte de 10 anos para a digitalização do setor, enquanto a Portaria 126, de janeiro deste ano, estabeleceu metas iniciais para o processo.

"Para que o consumidor possa tomar suas decisões, precisamos modernizar, precisamos que nossa rede esteja digitalizada", destacou Aline. Nesse sentido, a secretária reconheceu que a digitalização vai muito além da simples instalação de medidores inteligentes. Envolve toda uma infraestrutura que permita ao consumidor ter acesso a informações em tempo real e ferramentas para gerenciar seu consumo.

Investimentos

Os novos contratos de concessão viabilizados pelo Decreto 12.068 de 2024 representam mais de 50% do mercado de distribuição e preveem investimentos de R$ 130 bilhões até 2030. O decreto prorrogou 16 concessões. Boa parte desses recursos será destinada à modernização das redes, beneficiando diretamente o consumidor final.

"Trouxemos um novo contrato de concessão com muitas inovações e cláusulas mais rígidas que impulsionam as distribuidoras, que estão na ponta implementando a política e atendendo o consumidor", explicou a secretária.

Expectativa até 2028

O MME aguarda as análises de custo-benefício (ACB) que as distribuidoras deverão apresentar até fevereiro de 2028. Esses estudos fundamentarão um panorama realista de como a modernização impactará o consumidor e quais benefícios concretos as empresas poderão oferecer.

"Estamos bastante ansiosos para receber as ACBs e para termos fechado as novas diretrizes que vão beneficiar o consumidor nos próximos anos", afirmou Aline, demonstrando que o foco está em resultados práticos para quem utiliza o serviço.

Articulação

Além disso, a secretária alertou que a transformação necessária para empoderar o consumidor não virá de ações isoladas. "Não podemos achar que a modernização do setor vai ser construída com decreto isolado, regulamentação isolada ou investimento isolado. O setor está cada vez mais complexo e precisamos estar cada vez mais articulados", destacou.

Segundo Aline, é no trabalho diário e articulado entre governo, regulador, distribuidoras e setor privado que serão identificados os gargalos e construídas as soluções que realmente farão diferença na vida do consumidor.

Clippings proativos

CanalEnergia by informa

19 mil
visitas mensais

https://www.canalenergia.com.br/noticias/53357634/ons-avanca-em-mapeamento-de-conexoes-para-integrar-gd-ao-sistema

ONS avança em mapeamento de conexões para integrar GD ao sistema

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) está desenvolvendo um mapa de conexão do que a rede básica suporta de escoamento com aquilo que entra na rede de distribuição. De acordo com a assessora da diretoria de planejamento do Operador, Sumara Ticom, o mapa de conexão de GD é uma ferramenta fundamental nesse processo.

Para viabilizar essa evolução, o ONS esta colocando em prática um sandbox regulatório com distribuidoras selecionadas. Essa iniciativa funcionará como um laboratório real para testar novas formas de integração entre a rede básica de escoamento e a rede de distribuição. “Esse sandbox vai ser o grande parâmetro para a decisão do que de fato a regulamentação”, explicou a representante do ONS.

A executiva lembra que o sistema elétrico brasileiro opera com duas modalidades distintas de usinas que enfrentam desafios de integração. De um lado, estão as usinas conectadas à rede básica, que possuem requisitos rigorosos de confiabilidade e desempenho estabelecidos pelo ONS. Do outro, as usinas na rede de distribuição, que operam com interface diferenciada e, em muitos casos, coordenacão com o Ministério de Minas e Energia.

“A gente vem fazendo uma proposta de evolução dessas modalidades de usina”, afirmou Sumara, durante o Smartgrid Forum, realizado em São Paulo.

As baterias estão assumindo um papel estratégico no sistema elétrico brasileiro que vai além da simples função de armazenamento de energia. “A gente está falando de baterias para atender, que é um papel um pouco diferente do que a gente entende de toda a flexibilidade que a bateria traz do sistema, mas tem uma relevância muito importante”, explicou.

O grande desafio identificado pelo ONS não está na disponibilidade da tecnologia, mas sim na capacidade de controlar e coordenar esses recursos. Ela explica que essa flexibilidade já existe. A questão é perceber e controlar os dispositivos.

O operador reconhece que transformar recursos distribuídos em flexibilidade operacional para o sistema requer mais do que apenas instalação de equipamentos. Mas é necessário desenvolver mecanismos de controle eficientes e, principalmente, estabelecer sinais tarifários adequados que incentivem o uso estratégico dessas tecnologias.

Clippings proativos

CanalEnergia by informa

19 mil
visitas mensais

https://www.canalenergia.com.br/noticias/53357609/aneel-devera-pautar-resolucao-de-medicao-inteligente-em-outubro

Aneel deverá pautar resolução de medição inteligente em outubro

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) deverá pautar a resolução sobre medição inteligente ainda em outubro de 2026. O superintendente de regulação da transmissão e distribuição da Agência, Carlos Mattar, declarou durante o evento SmartGrid que a resolução sobre medição inteligente está em sua fase final.

Ele sinalizou que a aprovação formal pode ocorrer nas próximas semanas. A regulamentação em vias de aprovação estabelecerá os padrões técnicos e operacionais para implantação de medidores inteligentes em toda a rede de distribuição brasileira.

Esta atualização de infraestrutura é essencial para suportar o emergente sistema bidirecional de energia. Onde os consumidores não são mais receptores passivos, mas participantes ativos que geram, armazenam e gerenciam sua própria eletricidade.

Segundo Mattar, o marco da medição inteligente permitirá o monitoramento em tempo real do consumo e geração de energia no nível do consumidor, estabelecendo comunicação bidirecional entre concessionárias e milhões de recursos energéticos distribuídos.

Além disso, a coleta automatizada de dados ocorrerá sem intervenção humana, garantindo transparência e precisão nas informações, enquanto proporciona observabilidade aprimorada da rede.

Paralelamente à regulamentação de medição inteligente, a Aneel abriu a consulta pública 33 até 9 de novembro. Esta regulamentação complementar aborda os critérios de observabilidade, operabilidade e controlabilidade dos recursos energéticos distribuídos.

Mattar destacou a colaboração com o Operador Nacional do Sistema (ONS) e a expectativa é que a resolução não seja concluída ainda neste ano.

O representante ainda destacou o projeto Sentinela da Aneel, com lançamento previsto para o final de 2026, como parte das comemorações dos 30 anos da agência.

"Este sistema fará monitoramento do DEC (Duração Equivalente de Interrupção por Unidade Consumidora) sem qualquer interferência humana, diretamente do medidor do consumidor para publicação no site da Aneel, disponível para todos os brasileiros. O projeto representa um salto quântico em transparência regulatória e empoderamento do consumidor", disse.

Clippings proativos

CanalEnergia by informa

19 mil
visitas mensais

https://www.canalenergia.com.br/noticias/53357533/ccee-defende-regras-mais-simples-para-migracao-ao-mercado-livre-de-energia

CCEE defende regras mais simples para migração ao mercado livre de energia

A diretora de operações do mercado na Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), Gerusa Côrtes, voltou a defender a existência de regras mais simples, porém igualmente robustas, para facilitar a migração de consumidores ao mercado livre de energia. A executiva enfatizou que a simplificação regulatória é fundamental para que os consumidores possam compreender plenamente suas escolhas.

Contrariando expectativas sobre números massivos de migração, a CCEE prioriza a qualidade do processo. "Nossa preocupação não está em conduzir uma migração em larga escala, mas sim na consistência da migração", afirmou Gerusa. Segundo ela, é essencial construir um arcabouço sólido que permita uma transição adequada, mesmo que em passos lentos inicialmente.

A executiva participou do SmartGrid Forum, realizado nesta terça-feira, 6 de outubro, em São Paulo. Ela ressaltou que os consumidores precisam ter plena consciência dos riscos, benefícios e responsabilidades envolvidos na migração para o mercado livre. Ela afirmou que o consumidor deve realmente entender aquilo que está escolhendo.

Opção complementar

Gerusa posicionou a abertura do mercado livre como uma possibilidade complementar aos modelos existentes de geração distribuída e autoprodução. "O consumidor que investe em autoprodução ou geração distribuída já demonstra apetite por buscar melhores preços e condições de atendimento. O mercado livre vem como mais uma ferramenta nesse arcabouço", explicou.

Além disso, ela ainda relatou que os principais desafios regulatórios precisam ser enfrentados. Entre eles, a redução da assimetria de informações através do Open Energy. A ferramenta permitirá o compartilhamento de dados e contratos, com prazos já estabelecidos para implementação após aprovação da consulta pública.

Ademais, também lembrou que nesse caminho houve a conclusão do Projeto META. Essa ação discute a evolução da formação de preços no setor elétrico, tema considerado fundamental para o avanço do mercado. No campo tecnológico, a CCEE tem investido fortemente em três frentes: integração de sistemas, aplicação de inteligência artificial e experiência digital para o usuário. "A digitalização é fundamental, não apenas das redes, mas também dos dados, para oferecer uma experiência melhor para o consumidor", enfatizou a executiva.

Perspectivas

Com a abertura prevista para começar no próximo ano, consumidores terão o direito de migrar para o mercado livre de energia. A CCEE trabalha para garantir que todos os processos operacionais estejam redimensionados e adaptados para o mercado varejista, assegurando uma transição segura e transparente.

Gerusa concluiu reforçando que todas essas frentes de trabalho convergem para um objetivo comum: proporcionar ao consumidor brasileiro uma experiência consistente, segura e bem informada na escolha de seu fornecedor de energia elétrica.

Clippings proativos

CENÁRIO ENERGIA

12 mil
visitas mensais

https://cenarioenergia.com.br/2026/09/22/18-forum-latino-americano-smart-grid-setor-eletrico-investimentos/

18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid debate transformação digital e investimentos de R$ 670 bi no setor elétrico

Evento em São Paulo reunirá lideranças em outubro para analisar os impactos simultâneos da abertura total do mercado livre, renovação de concessões e pressões por resiliência nas redes.

O setor elétrico brasileiro vive um momento de inflexão estrutural sem precedentes. Para debater os desafios impostos pela convergência entre transição energética, novas regras regulatórias e exigências de modernização tecnológica, a cidade de São Paulo sediará, nos dias 6 e 7 de outubro, a 18ª edição do Fórum Latino-Americano de Smart Grid.

A conferência ocorre em um momento decisivo, antecedendo em pouco mais de um ano a abertura total do mercado livre de eletricidade para os consumidores de baixa tensão. Para os especialistas, a abertura da comercialização integra um conjunto de transformações profundas que exigem a transição para estruturas cada vez mais digitalizadas, descentralizadas, interoperáveis e orientadas ao usuário.

Desafios operacionais e resiliência climática

Além da abertura de mercado, as distribuidoras enfrentam parâmetros mais rígidos de qualidade de serviço e continuidade estabelecidos nos novos contratos de renovação das concessões. A pressão por resiliência operacional torna-se ainda mais urgente diante da frequência de eventos climáticos extremos.

A complexidade técnica do planejamento ganha tração com a expansão da geração distribuída, que alcançou 7% da matriz nacional em 2025, e a necessidade de escalabilidade de sistemas de armazenamento de energia em baterias (BESS) para mitigar a intermitência das fontes renováveis. De acordo com projeções da Aurora Energy Research, o ciclo de investimentos necessários para absorver essa reconfiguração poderá superar R$ 670 bilhões (US$ 131 bilhões) até 2040, dividindo-se entre R$ 553 bilhões direcionados à geração e R$ 117 bilhões aplicados na expansão e modernização da transmissão.

O ritmo acelerado de adaptação tecnológica e operacional foi apontado por lideranças da indústria como uma verdadeira substituição de componentes críticos em plena operação, ilustrando a intensidade da transição que o setor eletroenergético atravessa.

Agenda regulatória simultânea e o financiamento da infraestrutura

O fórum servirá como palco central para analisar as frentes regulatórias conduzidas pelo Ministério de Minas e Energia (MME) e pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). O cronograma institucional ganha relevo com discussões sensíveis em curso, a exemplo das consultas públicas 227, 228 e 229, que abarcam desde a Taxa de Fiscalização dos Serviços de Energia Elétrica (TFSEE) e diretrizes de comercialização até o Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) e as regras de contratação de reserva de capacidade.

Especialistas destacam que o acúmulo simultâneo de temas de alta complexidade regulatória exige cooperação institucional e o intercâmbio de experiências bem-sucedidas registradas no Brasil e em nações como Índia, México, Uruguai, Canadá, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos.

Com a elevação dos patamares de exigência regulatória e restrições estruturais para novos reajustes tarifários ao consumidor final, o encontro colocará no centro do debate a busca por novos mecanismos de viabilidade financeira para os projetos de infraestrutura.

A 18ª edição do evento, estruturada em oito painéis temáticos no Centro de Convenções Frei Caneca, reunirá representantes da ANEEL, da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), além de associações setoriais e especialistas internacionais.

Clippings proativos

10 mil
visitas mensais

https://energialimpa.live/ons-desenvolve-mapa-para-avaliar-capacidade-da-rede-basica-com-geracao-distribuida/

ONS desenvolve mapa para avaliar capacidade da rede básica com geração distribuída

*O **ONS** trabalha em um novo mapeamento para medir a capacidade da **rede básica** em absorver a energia gerada pela **geração distribuída**, visando maior estabilidade ao **sistema elétrico** brasileiro.*

O **Operador Nacional do Sistema Elétrico** (**ONS**) está estruturando uma nova ferramenta de mapeamento focada no impacto da **micro e minigeração distribuída** (**MMGD**) em nossas redes.

Com o crescimento acelerado de fontes **renováveis**, especialmente a **energia solar**, o órgão busca quantificar exatamente quanto volume vindo das redes de **distribuição** pode ser injetado na **rede básica** sem comprometer a segurança operacional.

A iniciativa, apresentada durante o **Smart Grid Fórum**, reflete a necessidade de modernizar a gestão do setor elétrico.

O objetivo é transcender os mapas de escoamento atuais e criar uma visão integrada que contemple a complexidade dos recursos energéticos distribuídos espalhados pelo território nacional, garantindo que o avanço da transição energética ocorra com previsibilidade técnica. Comparar Tarifas

Integração e gestão descentralizada

Para operacionalizar essa interface, o **ONS** tem apostado em um **sandbox regulatório** em parceria com **distribuidoras**.

O modelo visa testar o papel do **DSO** (**Distribution System Operator**) na gestão de recursos energéticos, permitindo que o operador monitore e despache esses ativos em tempo real para atender a demandas sistêmicas, sem que isso signifique o controle direto das redes locais pelo órgão federal.

> *O **ONS** não tem intenção de chegar na rede de distribuição como operador, ele tem intenção de ter interface com a distribuidora para que isso possa acontecer.*

Segurança e o papel das baterias

Em paralelo, o operador desenvolve o **Esquema Regional de Alívio de Geração** (**ERAG**), uma camada de proteção automatizada projetada para mitigar excessos de oferta no sistema.

A expectativa é implementar um projeto-piloto ainda este ano, capaz de realizar cortes automáticos de até 3 GW em usinas solares remotas, garantindo a estabilidade em momentos críticos de oscilação.

A estratégia também inclui o uso estratégico de **sistemas de armazenamento em baterias**.

Segundo o **ONS**, a contratação de baterias via **Leilão de Reserva de Capacidade** (**LRCap**) não servirá apenas para suprir o atendimento à ponta de consumo, mas também funcionará como um recurso fundamental de flexibilidade para o sistema elétrico.

A transição para um modelo mais digitalizado e interoperável é, hoje, o maior desafio do setor.

O sucesso dessa empreitada depende da integração bem-sucedida entre tecnologia, telemetria e coordenação entre as entidades, transformando o vasto parque de geração distribuída em uma ferramenta ativa de suporte à rede, em vez de um passivo operacional.

Clippings proativos

10 mil
visitas mensais

https://energialimpa.live/mme-aposta-em-digitalizacao-para-colocar-consumidor-no-centro-do-setor-eletrico/

MME aposta em digitalização para colocar consumidor no centro do setor elétrico

*O **Ministério de Minas e Energia** aposta na **digitalização das redes** para transformar o cidadão no protagonista de suas **escolhas energéticas** no Brasil.*

O **mercado de energia** brasileiro caminha rumo a uma revolução focada na autonomia do usuário. Durante o evento Smartgrid, realizado em São Paulo, o **MME** destacou que a modernização da **distribuição de energia** é o caminho essencial para colocar o cliente no centro das decisões. A estratégia busca criar um ambiente onde a **transição energética** e a gestão do consumo caminhem lado a lado, inspirando-se em modelos internacionais de eficiência.

Para ilustrar a visão da pasta, a diretora substituta **Aline Teixeira** relatou uma experiência prática observada em viagens internacionais. No exterior, sistemas automatizados já permitem que residências ajustem o funcionamento de eletrodomésticos e sistemas de irrigação com base na variação tarifária. Esse cenário reflete a meta traçada para o território nacional: permitir que os cidadãos gerenciem seus gastos de forma inteligente, apoiados por incentivos econômicos claros e acesso a dados em tempo real.

Marcos regulatórios e investimentos bilionários

Com o objetivo de viabilizar essa infraestrutura futurista, o governo federal implementou diretrizes estratégicas recentes. A Portaria 111 estabeleceu uma década para a completa **digitalização do setor**, enquanto a Portaria 126 fixou metas iniciais para acelerar o processo. Contudo, especialistas reforçam que a evolução vai muito além da troca de medidores tradicionais, exigindo uma reformulação tecnológica profunda nas redes de **energia limpa** e distribuição.

> *Para que o consumidor possa tomar suas decisões, precisamos modernizar, precisamos que nossa rede esteja digitalizada*

O fortalecimento desse ecossistema também passa por repactuações contratuais importantes. O **Decreto 12.068** viabilizou a renovação de concessões que abrangem mais da metade do **mercado** distribuidor, destravando aportes financeiros expressivos. Estão previstos investimentos da ordem de R$ 130 bilhões até 2030, recursos fundamentais para que as empresas modernizem a infraestrutura básica e entreguem serviços mais eficientes na ponta.

O cronograma regulatório estabelece que as concessionárias devem entregar análises de custo-benefício até fevereiro de 2028. Esses documentos serão cruciais para mensurar o impacto real das melhorias tarifárias e tecnológicas para a sociedade. A expectativa oficial é que esses estudos consolidem um panorama transparente e vantajoso para os usuários nos próximos anos.

Por fim, os representantes do governo enfatizam que a evolução tecnológica não ocorrerá por meio de medidas isoladas. O sucesso da **sustentabilidade** e da **inovação tecnológica** no **setor elétrico** depende de uma governança integrada, unindo o poder público, órgãos reguladores e agentes privados em prol de um mercado mais dinâmico, moderno e verdadeiramente centrado nas necessidades da população.

Clippings proativos

10 mil
visitas mensais

https://energialimpa.live/ccee-aponta-desafios-regulatorios-e-contratuais-para-expansao-consistente-do-mercado-livre-de-energia/

CCEE aponta desafios regulatórios e contratuais para expansão consistente do mercado livre de energia

A sustentabilidade do mercado regulado, a resolução de contratos legados e a simplificação de regras são apontadas pela CCEE como essenciais para uma abertura consistente do mercado livre de energia.

A expansão do **Ambiente de Contratação Livre** (ACL) no setor elétrico brasileiro exige atenção redobrada para a sustentabilidade do modelo tradicional e para a resolução de pendências regulatórias históricas. Durante a 18ª edição do **Smart Grid Fórum**, realizado em **São Paulo**, especialistas destacaram que a migração gradual de novos consumidores precisa vir acompanhada de salvaguardas robustas. Dicas

Para a **Câmara de Comercialização de Energia Elétrica** (**CCEE**), o foco principal das autoridades não deve ser a pressa ou o volume massivo de adesões, mas sim a solidez estrutural do processo. Questões como encargos setoriais e contratos legados figuram entre os principais entraves que demandam novas diretrizes normativas antes que o **mercado** seja totalmente desregulado para os clientes de baixa tensão.

Desafios regulatórios e o futuro do Grupo B

O avanço do setor prevê a inclusão dos consumidores do **grupo B**, formado majoritariamente por unidades residenciais e pequenas empresas. A expectativa da autarquia é que uma nova consulta pública seja lançada nos próximos meses para debater as diretrizes específicas desse segmento, complementando os debates já realizados em torno da **Consulta Pública 7/2025**, focada nas distribuidoras e no **grupo A**.

A diretora de Operações do **Mercado** da **CCEE**, **Gerusa Côrtes**, enfatizou durante o evento que a consistência da transição se sobressai à velocidade das adesões.

> *"É um cronograma justo, é um cronograma apertado, mas a gente está empenhado em fazer isso. [...] A nossa preocupação não está em quantos irão virar, mas sim na consistência da migração"*

pontuou a executiva.

Adaptação tecnológica e novas ferramentas para o consumidor

Com milhares de agentes ativos e uma fatia expressiva do consumo nacional já operando no ambiente competitivo, a infraestrutura tecnológica passa por uma completa reformulação. A entidade antecipou o desenvolvimento de uma plataforma digital para comparação de preços, cujo objetivo é mitigar a assimetria de informações e garantir que os novos entrantes compreendam claramente os riscos e as vantagens da **transição energética**.

Paralelamente, iniciativas como o **Open Energy** — projeto conduzido em parceria com a **Agência Nacional de Energia Elétrica** (**Aneel**) — buscam democratizar o acesso aos dados de consumo, permitindo uma experiência mais transparente. A estratégia digital da instituição também engloba inteligência artificial e novas salvaguardas prudenciais para assegurar a estabilidade financeira das operações de varejo.

A consolidação de um mercado de energia mais aberto e dinâmico dependerá diretamente da harmonia entre inovação tecnológica e rigor regulatório. Com o alinhamento de prazos e a criação de canais de diálogo técnico com a sociedade, o setor elétrico nacional caminha para um cenário onde a liberdade de escolha caminhe lado a lado com a segurança jurídica e operacional. Aprender Economia

Clippings proativos

potência Portal

9 mil
visitas mensais

https://revistapotencia.com.br/portal-potencia/feiras-e-eventos/smart-grid-forum-mobiliza-area-de-energia-em-sao-paulo/

Smart Grid Fórum mobiliza área de energia em São Paulo

Nos dias 6 e 7 de outubro de 2026, no **Centro de Convenções Frei Caneca**, em São Paulo (SP), acontece o **18º Smart Grid Fórum 2026 – Fórum Latino-Americano de Smart Grid**.

Com o tema "**Smart Grids e Mercado Aberto: O Consumidor no Centro**", o evento reunirá especialistas, executivos, autoridades e representantes de instituições do setor elétrico para debater os principais desafios e oportunidades da transformação energética na América Latina.

O público engloba profissionais e dirigentes de Empresas de GTD de Energia Elétrica, Empresas de Telecomunicações, Empresas de TV a Cabo e Similares, Instituições Financeiras, Associações de Classe, ONGs, Construtoras, Comercializadoras de Energia, Grandes consumidores de energia, Empresas de Serviços de Energia, entre outras.

A Associação Brasileira da Indústria da Iluminação (ABILUX) é uma das apoiadoras do evento. As inscrições já estão abertas e podem ser realizadas pelo site:

🔗 Smart Grid Fórum 2026

Clippings proativos

REVISTA Mundo elétrico
CONEXÃO COM O FUTURO ENERGÉTICO

1 mil
visitas mensais

https://www.revistamundoeletrico.com.br/cobertura-smart-grid/liderancas-debaterao-desafios-do-setor-eletrico-no-18o-forum-latino-grid/

Lideranças debaterão desafios do setor elétrico no 18º Fórum Latino-Americano de Smart Grid

Este ano, a 18ª edição do Fórum Latino-Americano de Smart Grid ocorre em um momento particularmente relevante. O evento está marcado para os dias 6 e 7 de outubro, pouco mais de um ano antes da abertura do mercado de eletricidade para consumidores comerciais e industriais de baixa tensão. "Este é apenas um dos "tsunamis" em curso no setor elétrico, que hoje caminha para estruturas mais digitalizadas, descentralizadas, interoperáveis e orientadas ao usuário", afirma Cyro Boccuzzi, especialista do setor e presidente do Fórum.

Mas não é só isso. O setor agora deverá dar conta das novas exigências previstas nas concessões prorrogadas recém-assinadas, com regras mais duras e complexas do ponto de vista da qualidade de serviço, satisfação de cliente e resiliência das operações, principalmente para garantir maior robustez e agilidade de normalização frente aos fenômenos climáticos, cada vez mais intensos e frequentes.

GD e consultas públicas

A cadeia da energia elétrica também demanda por um sistema eficiente de gestão para o crescente movimento de unidades de geração distribuídas e autônomas em residências e outros imóveis, que, em 2025, atingiu o índice de 7% do total de energia elétrica gerada no país, assim como a esperada adoção em massa de sistemas de armazenamento de energia (BESS) que contribuam para minimizar a intermitência das fontes renováveis.

É nesse cenário, cuja regulação mal acompanha tantas transformações e inovações, que líderes empresariais, bem como especialistas nacionais e internacionais, estarão reunidos no 18º. Fórum Latino-Americano de Smart Grid para discutir os rumos desta indústria, cujas trilhas se confundem com o do desenvolvimento econômico nacional.

"Só para se ter uma ideia do que está em curso, as pressões por investimentos poderão chegar a mais de R$ 670 bilhões (US$ 131 bilhões) até 2040, sendo R$ 553 bilhões em geração e R$ 117 bilhões em transmissão, estimou a Aurora Energy Research", comenta Boccuzzi. O organizador do Fórum, que também é consultor, engenheiro e CEO da ECOee (Engenharia Energética) descreve o momento do setor elétrico sem rodeios: "ele está trocando o motor do avião em pleno voo".

Segundo Boccuzzi, são diversas as frentes de transformação dos segmentos de geração, transmissão e distribuição. O consultor lembra que, até outubro deste ano, a infraestrutura elétrica do país será alvo das consultas públicas 227, 228 e 229, as quais tratam desde questões como a Taxa de Fiscalização dos Serviços de Energia Elétrica (TFSEE), a revisão de decretos de comercialização, as alterações no cálculo do Preço de Liquidação das Diferenças, ao aprimoramento das regras de contratação de reserva de capacidade.

Espaço de discussão e atualização

"Qualquer um desses tópicos já traria, por si só, impactos profundos, mas todos estão acontecendo simultaneamente. E o Fórum é um espaço ideal para que as lideranças do setor se encontrem, troquem suas impressões e conheçam as experiências bem-sucedidas registradas no Brasil e em países como Índia, México, Uruguai, Canadá, Suíça, Reino Unido, e Estados Unidos", comenta.

Boccuzzi ainda ressalta uma pergunta que norteará os debates da 18ª edição do evento. "Já que a régua exigida pela autoridade do setor elétrico ficou mais alta com a renovação das concessões, exigindo novos investimentos dos players – como será financiada essa mudança, já que a tarifa ao consumidor não tem mais espaço para crescer?", questiona ele.

Alguns nomes de participantes já confirmados:

- Alessandra Amaral, diretora-executiva, Associação Latino-Americana de Distribuidores de Energia Elétrica (Adelat/Peru)
- Alexandre Vidal, sócio de Infraestrutura e Mercados Regulados (EY)
- Alison Chagas, superintendente de Engenharia e Planejamento e William Souza, superintendente de Operação (CEMIG)
- Carlos Alberto Calixto Mattar, superintendente de Regulação da Transmissão e Distribuição, Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL)
- Fabio Lima, diretor executivo, Associação Brasileira de Soluções de Armazenamento de Energia (ABSAE)
- Flavia Lis Pederneiras, gerente de Regulação e Tarifas de Geração, Transmissão e Encargos Setoriais, Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL)
- Francisco Ramirez, especialista sênior de Finanças Sustentáveis (Base Foundation/Suíça)
- Gerusa Côrtes, diretora de Operação de Mercado, Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE)
- Lindemberg Nunes Reis, gerente de Planejamento e Inteligência de Mercado, Associação Brasileira de Distribuidoras de Energia Elétrica (ABRADEE)
- Phil Beecher, CEO e president, WiSun Alliance (Reino Unido)
- Sebastian Novoa, gerente geral (EVOL) e presidente (AICE/ Chile)
- Sumara Ticom, assessora da diretoria de Planejamento, Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS)
- Thiago Ivanosky, diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais, Empresa de Pesquisa Energética (EPE)
- Vinícius Oliveira Caram Guimarães, superintendente de Outorga e Recursos à Prestação, Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)

Representantes de diversas empresas e entidades setoriais do Brasil e internacionais também participarão dos 8 painéis que se estenderão das 8h45 até o final da tarde nos dois dias de trabalhos.

Os painéis tratarão dos seguintes temas:

- O setor em transição: concessões renovadas, redes digitais, mercado competitivo e consumidor no centro
- A nova interface com o consumidor: medição e tarifas inteligentes, dados e novos serviços
- Mercado aberto na baixa tensão, Open Energy e novos agentes digitais
- Flexibilidade como infraestrutura: armazenamento, baterias, resposta da demanda, usinas virtuais de energia (VPPs) e curtailment
- Inteligência operacional da distribuição: IA (inteligência artificial), ADMS (plataformas que integram e gerenciam a operação da rede de distribuição, incluindo monitoramento, controle e restauração do fornecimento, DERMS (sistemas que coordenam recursos distribuídos, como geração solar, baterias, veículos elétricos e resposta da demanda), DSO (operador da gestão da rede de distribuição, com papel crescente na integração de recursos distribuídos e na flexibilidade do sistema), bem como dados, telecom e cibersegurança
- Robustez, qualidade e resiliência: redes preparadas para eventos extremos
- Como financiar a transformação digital da rede? Regulação, TOTEX, incentivos e financiamento
- Decisões para a distribuição chegar a 2030 – a visão dos líderes do setor

Clippings proativos

REVISTA Mundo elétrico
CONEXÃO COM O FUTURO ENERGÉTICO

1 mil
visitas mensais

https://www.revistamundoeletrico.com.br/cobertura-smart-grid/smart-grid-forum-2026-inicia-programacao-apresentando-um-setor-em-transformacao/

Smart Grid Fórum 2026 inicia programação apresentando um setor em transformação

O Smart Grid Fórum 2026 reúne, nos dias 06 e 07 de outubro, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo (SP), lideranças do setor elétrico, concessionárias, empresas de tecnologia, autoridades, reguladores, especialistas, investidores e representantes de universidades e instituições para discutir a modernização das redes, a digitalização, a abertura do mercado e os novos modelos de negócio em energia.

O painel de abertura discutiu as principais mudanças que estão redesenhando o setor de distribuição de energia elétrica no Brasil. A abertura do mercado de baixa tensão, os novos contratos de concessão, a digitalização das redes, a qualidade dos serviços e a resiliência do sistema foram analisados a partir dos desafios e das oportunidades de uma transição que coloca o consumidor em uma posição cada vez mais ativa. Além do papel das instituições do setor na coordenação dessa transformação.

Da adaptação à transformação há sete frentes em curso: Modelo de carga e MMGD; Módulo 3 do PRODIST; Modalidades de operação; Mapa de conexão de GD; Interface ONS/DSO; Gestão de excedentes e ERAG.

Outro ponto de destaque foram os pilares para abertura total do mercado de forma sustentável, que se baseiam na sustentabilidade do mercado regulado, equilíbrio dos encargos e subsídios, segurança de suprimento para o consumidor e simplificar dessa forma as operações do mercado.

Outro ponto de destaque foram os pilares para abertura total do mercado de forma sustentável, que se baseiam na sustentabilidade do mercado regulado, equilíbrio dos encargos e subsídios, segurança de suprimento para o consumidor e simplificar dessa forma as operações do mercado.

Um dos palestrantes, Carlos Alberto Mattar, superintendente de Regulação dos Serviços de Transmissão e Distribuição de Energia Elétrica (STD) da ANEEL e diretor do Grupo de Trabalho em Eletricidade da ARIAE – Associação Iberoamericana de entidades reguladoras de energia falou com exclusividade para a Revista Mundo Elétrico sobre como que a ANEEL planeja calibrar os incentivos regulatórios para garantir assim o investimento em SmartGrids pelas distribuidoras acelerem sem sobrecarregar a tarifa do consumidor final.

"É uma inequação difícil de resolver, mas tem as obrigações contratuais com relação aos investimentos e tem os mecanismos de equalização ou diferimento desses investimentos ao longo do tempo, para não impactar fortemente a tarifa. Esse é o mecanismo que temos no momento, é diferir esses investimentos ao longo do tempo, evidentemente que remunerados, mas diferidos para que o impacto seja menor para o consumidor", explicou Mattar.

Clippings proativos

Elétrica é tudo!

1 mil
visitas mensais

Smart Grid Fórum mobiliza área de energia em São Paulo

https://eletricaetudo.com.br/smart-grid-forum-mobiliza-area-de-energia-em-sao-paulo/

Nos dias 6 e 7 de outubro de 2026, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo (SP), acontece o 18º Smart Grid Fórum 2026 – Fórum Latino-Americano de Smart Grid. Com o tema "Smart Grids e Mercado Aberto: O Consumidor no Centro", o evento reunirá especialistas, executivos, autoridades e representantes de instituições do
O post Smart Grid Fórum mobiliza área de energia em São Paulo apareceu primeiro em Portal Potência.

Clipping impresso

Agenda

No Brasil

Data centers – O *Data Center World Brasil* está marcado para 6 a 8 de outubro no São Paulo Expo, SP. O evento vai reunir especialistas em infraestrutura de *data centers*, abordando temas como energia, eficiência, *cooling*, IA e segurança. O painel do dia 8 de outubro, intitulado *Data centers AI-ready: densidade, energia e novos requisitos de infraestrutura*, vai tratar dos desafios trazidos pela inteligência artificial para a infraestrutura, desde a alta densidade e demanda energética aos limites do *air cooling* e a transição para *liquid cooling*. Mais informações: https://datacenterworldbrasil.com.br/.

Redes inteligentes – O *18º Smart Grid Fórum 2026 – Fórum Latino-Americano de Smart Grid* será realizado nos dias 6 e 7 de outubro, no Centro de Convenções Frei Caneca, em São Paulo. Com o tema *Smart Grids e Mercado Aberto: o Consumidor no Centro*, o evento vai debater os principais desafios e oportunidades da transformação energética na América Latina para um público formado por profissionais e dirigentes de empresas de energia elétrica, telecomunicações, TV a cabo e similares, instituições financeiras, associações de classe, ONGs, construtoras, entre outras. A programação do evento e outras informações estão disponíveis no site www.smartgrid.com.br.

Edição impressa
Setembro/Outubro

EM ELETRICIDADE MODERNA

Conteúdo (texto) para newsletter pós evento

EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO

Até 2 matérias com até 6 mil toques – A partir das entrevistas realizadas com Abradee, ONS, EPE, Energisa MS e Cemig

3 matérias da cobertura do evento – sessão de abertura, painel sobre investimentos e sessão com os altos executivos na tarde do dia 7 de outubro – com até 5 mil toques cada.

Obrigada!

EVOCAR
COMUNICAÇÃO E CONTEÚDO